

## Resenha Crítica:

# No Caminho das Mobilidades Turísticas

Revista Rosa dos Ventos

5(4) 663-668, out-dez, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

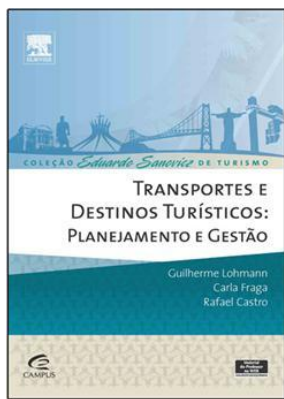
Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Thiago Allis<sup>1</sup>



Lohmann, G.; Fraga, C. & Castro, R. (2013).  
*Transportes e Destinos Turísticos:*  
planejamento e gestão. Rio de Janeiro:  
Elsevier Campus. PP. 256. ISBN  
9788535260861

*Transportes e Destinos Turísticos: planejamento e gestão*, novo volume da Coleção Eduardo Sanovicz, pela Editora Elsevier Campus, traz uma discussão que, não fosse pela relação inescapável com o turismo, é de uma atualidade marcante. Tratar de transportes e de turismo (temas que, por si, se imbricam de maneira óbvia) no atual momento confirma que a maior responsabilidade da Academia é mergulhar no mundo que nos cerca. Não deveria ser motivo de espanto, mas, infelizmente, não raro, a dinâmica acadêmica parece não ter correspondência com a essência da vida extramuros, restando apenas diletantismo e elucubrações. Não é o caso deste livro!

<sup>1</sup> **Thiago Allis** - Doutor. Professor e Coordenador do Curso de Turismo da Universidade Federal de São Carlos (campus Sorocaba). Em 2012, foi Professor Visitante na Universidade Nacional Timor Lorosae (Timor Leste). E-mail: thiagoallis@ufscar.br

Para mencionar temas que nos tocam a todos brasileiros nos dias de hoje, os chamados 'movimentos de Junho' levantaram questionamentos inadiáveis para a sociedade brasileira, posicionando os cidadãos em um patamar político de maior protagonismo, com representações públicas não vistas desde a década de 1990. E, como bem observamos, o estopim destas contestações (que depois se estenderam a outros temas) foi o preço das passagens de ônibus nas principais metrópoles brasileiras. Por óbvio, a insurgência popular não tinha, nem indiretamente, o turismo como escopo – senão as condições de vida num Brasil cada vez mais urbano e complicado, o que incluía (e ainda inclui) uma pressão sobre cidadãos – passageiros descontentes com serviços de transporte indecentes, em um país que, sem dúvida, é um dos mais importantes *players* na geopolítica contemporânea.

Entretanto, não seria exagero enxergar pontos de conexão entre a situação dos transportes (e de uma vida que tende à urbanização completa, numa acepção lefebvriana) e as questões do turismo presentes e futuras. Afinal, já não é sem tempo de superarmos a visão de que o turismo se constrói, simplesmente, a partir do 'sistema de turismo', de Neil Leiper. Se as pessoas viajam de e para lugares, é preciso (é urgente!) entender o que se passa nestes espaços de destino – por exemplo, no que diz respeito às mobilidades. Por isso mesmo, os transportes não deveriam ser enquadrados apenas quando tratamos das 'rotas de trânsito', senão também como tema central para o planejamento das destinações turísticas.

O foco em mobilidade – ainda que um processo em curso – é algo que já povoa as mentes de muitos estudiosos mundo afora – e não apenas engenheiros, urbanistas ou planejadores. Fazem parte do time geógrafos, sociólogos, filósofos, etc., o que comprova que o movimentar-se, em qualquer condição e por qualquer motivação, deve ser, na sua essência, objeto de observação interdisciplinar. No limite, não poderíamos dizer que o movimento (ou a fixidez) dos seres humanos define a história da Humanidade? Quando sedentários, não podíamos perenizar nossa produção de alimentos – caminhar era nossa sina; ao constituírem os primeiros assentamentos humanos, nossos antepassados deram início ao colosso da urbanização que hoje vivemos. Cidades que foram crescendo e, ao se agigantarem, praticamente se inviabilizaram como espaço de vivência cotidiana – a ponto de queremos fugir delas (vide o movimento de '*city gardens*' no final do século XIX, na Inglaterra, que praticamente coincide com o nascimento do turismo moderno!). Hoje, aproveitando da metáfora de Zygmunt Bauman, anda quem pode – ou seja, os 'turistas': decidem onde morar e para onde viajar, transitam por onde lhes apetece, sem muitas amarras (o que, por óbvio, tem ligação com sua capacidade de consumir). No oposto, estão os 'vagabundos' que, atados pela escassez de recursos e pela incapacidade de mudar seu próprio destino, vivem e se aboletam nos interstícios que lhes sobram. Para estes, o mundo das viagens turísticas é um luxo inalcançável, preocupados que estão em sobreviver...

Por outro viés, Marc Augé (o mesmo que é citado e recitado por suas críticas aos 'não-lugares', a partir de cuja ideia se poderia supor que o turismo estaria fadado aos enclaves e restrições geográficas), em *Por uma antropologia da mobilidade*, nos propõe um olhar amplo, diverso, refrigerado e não menos crítico sobre as formas de mobilidade no mundo contemporâneo. Não parece um bom ponto de partida para olharmos e entendermos as hordas de turistas (ou '*holiday makers*', lembrando John Urry), que crescem aos borbotões na contemporaneidade? Seria possível imaginar, pelos mesmos prismas de outrora, a integração de milhões (bilhões?) de chineses, brasileiros, indonésios, indianos ao mundo do turismo, que vêm de países super

povoados e são, de certa forma, novatos na ‘arte de viajar’? Não há dúvida: contingentes de ‘vagabundos’ estão, de alguma forma, se convertendo em ‘turistas’...

Thomas Cook e os avanços da ferrovia inglesa no século XIX dizem um pouco – talvez, cada vez menos – sobre a história do turismo; paulatinamente, seremos – na condição de pesquisadores e observadores do turismo global – instados a incorporar capítulos sobre o que se passa com os “povos subdesenvolvidos [que] foram integrados no sistema econômico mundial através do processo de atualização histórica” (Ribeiro, 1998, p. 206-209), como os da América Latina, nascidos de processo de miscigenação racial (‘povos novos’) e os chamados ‘povos testemunho’ (principalmente as sociedades muçulmana, indiana, chinesa, coreana e indochinesa).

Neste contexto, a obra – que chegou ao mercado editorial em julho deste ano, em um concorrido lançamento na Livraria da Travessa, do Shopping Leblon, no Rio de Janeiro – parece avançar nesta direção. Uma primeira observação – que urge ser entendida como aperfeiçoamento do que vem pela frente, e não uma crítica do que ficou para trás – é a decisão de, no âmbito da Coleção Eduardo Sanovicz, se fazer uma obra completa, concebida, recheada e orquestrada por pesquisadores brasileiros. Por mais que as traduções desta coleção sejam extremamente zelosas e primem ao fazerem uma cuidadosa contextualização, são, na origem, produtos da observação de pesquisadores estrangeiros e das suas próprias realidades. *Transportes e Destinos Turísticos: planejamento e gestão*, por sua vez, também não propõe uma acumulação de estudos de caso brasileiros, algo que poderia, no extremo, redundar em chauvinismo barato – no mínimo, proselitismo provinciano. O livro incorpora discussões, reflexões, experiências e contextos de várias partes do mundo (Europa, Sudeste Asiático e Oceania e também do Brasil, inclusive com participação de estudiosos estrangeiros ou brasileiros baseados no exterior), que, no seu conjunto, servem para ilustrar transversal e globalmente (geográfica e filosoficamente) a gestão e o planejamento dos transportes e dos destinos turísticos.

Nesse sentido, o livro de Guilherme Lohmann, Carla Fraga e Rafael Castro abarca, além de um arcabouço técnico e específico sobre transportes e turismo, um exercício de maior complexidade quando trata de transportes *vis-à-vis* às questões do planejamento das destinações turísticas. Tendo a preocupação com a gestão e o planejamento dos destinos (que em quase todos os casos brasileiros – note-se a convergência de cenários... – coincidem com aquelas mesmas cidades com sistemas de transporte sofríveis!), esta obra amplia os horizontes sobre os transportes turísticos, avançando para além do convencional, mas sem deixar de apresentar uma lógica apreensível para os estudiosos da área. Poderia parecer óbvio, mas entender os transportes no bojo das mobilidades e dos deslocamentos – incluindo os turísticos! – não é um enfoque recorrente nos estudos de transporte, especialmente (mas não exclusivamente) no Brasil.

A propósito, a produção acadêmica sobre transportes turísticos no Brasil, no formato de livros, é bastante reduzida, sendo que, até o momento, a obra de um dos autores deste livro (Palhares, G. L. (2002). *Transportes turísticos*. São Paulo: Aleph) pode ser apontada como a mais consistente e ainda válida contribuição para este campo no Brasil. Por outro lado, o mesmo não ocorre quando se observa a produção no formato de artigos, com a vantagem de que as atualizações sobre o assunto podem ser mais dinâmicas (complementando, portanto, abordagens mais estruturantes que os livros venham a trazer). O Capítulo 2, ao apresentar o estado da arte dos estudos e das pesquisas sobre destinos e transportes turísticos, contabiliza,

no período 1990-2011, 34 artigos resultantes de pesquisas em todas as nuances (ou modos ou modais, se o leitor preferir) dos transportes. Portanto, a julgar pelos resultados, há pesquisa na área, denotando interesse de estudiosos pelo tema.

Em vários momentos o leitor é levado a compreender o que se passa em lugares que, para os brasileiros, ainda podem ser entendidos como fantasias urbanas nababescas (Abu Dhabi, Dubai, Cingapura), mas que, pouco a pouco, aportam mais experiências exitosas no que diz respeito a soluções de mobilidades. Exemplos na França, Nova Zelândia, Portugal e Brasil complementam o leque de ilustrações sobre as questões que o livro aborda, conferindo estímulos para observações comparativas de outras realidades, valorizando experiências e vivências dos leitores.

Aí, está, portanto, um elemento de distinção do livro, que contribui para a seriedade e a robustez da Coleção: mirar na universalidade do estudo do turismo a partir das questões tratadas, consolidando e oportunizando ao ambiente acadêmico brasileiro tanto difusão, quanto incentivo a pesquisas sobre os vários temas presentes nas obras publicadas.

É bem verdade que, na sua estrutura, o livro ainda reproduz uma entrada convencional ao assunto, qual seja, tratar os transportes através de seus diversos modos (aéreo, terrestre e aquaviário), distribuídos em capítulos específicos. Se tomarmos como referência a coletânea *Tourism mobilities: places to play, places in play*, organizada por Mimi Sheller e John Urry (este um veterano dos estudos turísticos), veremos que as questões de mobilidade se distribuem, por outra lógica, talvez sem as amarras da divisão funcionalista por modais, o que não diminui sua capacidade de contribuir para o entendimento sobre os transportes e o turismo contemporâneos. Faz isso através de um eixo condutor (as mobilidades) que incorporam, de maneira orgânica e fluida, temas relacionados ao turismo.

Ainda assim, *Transportes e destinos turísticos: planejamento e gestão* inova ao propor discussões de gestão dos destinos turísticos integradas com os transportes, quando, por exemplo, trata com maior detalhe da importância dos aeroportos para os destinos turísticos (que, no limite, dialoga com as *Aerótrópolis*, de John D. Kasarda), incluindo casos internacionais pesquisados de perto pelos autores, ou discute elementos de planejamento urbano e de transportes em conexão com as demandas turísticas. Assim, os primeiros capítulos buscam uma abordagem mais transversal e integradora dos assuntos, tratando de temas como intermodalidade, mobilidade intra-destinos, fatores de influência para a escolha dos meios de transporte (Capítulo 2), conceitos e práticas de planejamento e gestão dos transportes e dos destinos turísticos (Capítulo 3).

Ademais, o livro sugere novos olhares para a pesquisa e o estudo dos transportes, por exemplo, no campo do marketing dos transportes: no Capítulo 4, faz-se uma leitura do mix de marketing dos transportes, incluindo, no elemento promoção, exemplos extremamente atuais de *branding* de aeroportos. Outro aporte interessante (e não menos inovador), nos capítulos finais do livro, são as práticas de ensino vivenciadas pelos autores em experiências nacionais e estrangeiras, que podem servir de incentivo para que pupilos e mestres foquem o estudo e o ensino dos transportes e do turismo através de outras lentes. Neste particular, é importante lembrar que a coleção Eduardo Sanovicz tem por prerrogativa produzir livros de apoio didático e, por isso mesmo, este ora lançado (que também conta com material de suporte ao professor numa plataforma *online*) alinha-se diretamente com esta preocupação – inclusive ao propor

uma linguagem direta, diagramação dinâmica (com farta ilustração), extensa referência para consultas e estudos complementares e, ainda, exercícios ao final de cada capítulo.

A obra, ao ser um produto de múltiplas colaborações, também demonstra que, mesmo sendo os livros veículos mais rígidos no que diz respeito a conteúdo, é possível articular vários colaboradores, através de contribuições pontuais e totalmente alinhadas com as temáticas tratadas em cada parte. Além da autoria tríplice, o livro recebeu contribuições de nove autores convidados, responsáveis pela redação de textos complementares, nomeadamente “boxes” ou casos ilustrativos. Como esta não parece ser uma cultura consolidada no Brasil, o livro, certamente, servirá de estímulo para que outros autores e editores repitam experiências de produção compartilhada, uma vez que oportuniza a diversidade de olhares sobre o mesmo tema e, sem dúvida, reforça laços das redes de pesquisadores. Em tempos de produção colaborativa e fluida (vide o fenômeno Wikipédia), não é sem sentido esforços para atualizar e dinamizar formas de produção mais convencionais (como livros) – o que, provavelmente, gerará ciclos de vida maiores às produções tanto no conteúdo, quando no formato.

Por mais que seja temerário fazer previsões (correndo-se o risco de serem interpretadas como profecias), a obra traz, em seu último capítulo, uma lista de tendências para os transportes e os destinos turísticos, nas áreas científica, mercadológica e educacional. Vale destacar, no campo mercadológico, a preocupação com um processo em curso: fusões e aquisições entre empresas de transporte aéreo (como o que ora se observa na América Latina com TAM e a LAN, recentemente aprovada pelas autoridades brasileiras, a Trip e a Azul, esta uma novata no mercado que já responde a um crescente *market share*, e as veteranas Varig e Gol, em que a última adquiriu a parcela operacional ‘saudável’ da primeira). Outra questão destacada é a competitividade entre os modos de transporte – por exemplo, entre aviões e trens, algo que, no Brasil de hoje, ainda é uma discussão talvez um pouco deslocada, dada a virtual inexistência de transporte ferroviário de média e larga distâncias).

O livro é muito rico, porque vivo e fruto da concentração de uma multiplicidade de pesquisadores – e talvez, apenas por isso, já fosse razão suficiente para devorá-lo. E é também inspirador, uma vez que se sente o frescor das observações que acabam ser feitas, ao lado daquelas que já se vão consolidando pelas mãos de pesquisadores mais experientes. Para o estudante, certamente, ficará uma sensação – que, oxalá, não se perca, uma vez finalizada a leitura – de que pesquisas em transportes e turismo (e, desejavelmente, mobilidades) são altamente pertinentes, relevantes e – um aspecto que o livro deixa muito claro – possíveis de serem iniciadas agora, dando uma volta de ônibus na sua cidade, prestando atenção em aeroportos, aproveitando melhor visitas técnicas durante a graduação, passeando de trens turísticos, surfando nos portais das empresas aéreas, ‘viajando’ na viagem...

A verve do *flâneur*, imortalizada por Walter Benjamin, nunca fez tanto sentido quanto hoje, quando zanzamos por Bangucoques úmidas e pulsantes, ocupamos aviões cada vez maiores a cruzar rotas as mais inusitadas (que alimentam novos eixos de fluxos aéreos globais); visitamos São Paulos caóticas e inspiradoras; embarcamos e fruímos barcos e *ferries* frenéticos, desafiando a alta tecnologia dos outros meios de transporte; vivenciamos Londres multiculturais e surpreendentes; desfrutamos de longas (ou curtas) jornadas ferroviárias, embaladas ou incomodadas pelo dançar das rodas nos trilhos; descobrimos Luandas inusitadas e reais... Chegando, saindo, movendo-nos, para, enfim, começar tudo de novo. Afinal, como sumarizou um *nganga* em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, “não é o destino que conta mas o caminho”.

## REFERENCIAS

Augé, M. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Edufal.

Couto, M. (2007). *Terra sonâmbula*. São Paulo: Cia. das Letras.

Kasarda, J. D. & Lindsay, G. (2012). *Aerotropolis: the way we'll live next*. Londres: Penguin Books.

Palhares, G. L.; Fraga, C. & Castro, R.(orgs.). (2013). *Transportes e destinos turísticos: planejamento e gestão*. Rio de Janeiro: Elsevier Campus.

Palhares, G. L. (2002). *Transportes turísticos*. São Paulo: Aleph.

Ribeiro, D. (1998). *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Cia. das Letras.

Sheller, M. & Urry, J. (2004). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. Londres, Nova Iorque: Routledge.